18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

PAISAGEM COMO MÉTODO

Dinâmica de leitura e proposição no contexto da bacia hidrográfica Tietê-Jacaré

ST1 – Paisagens e naturezas

LANDSCAPE AS METHOD

Reading and action-oriented dynamics in the context of the Tietê-Jacaré watershed

RAGONHA, Jéssica
Doutora em Arquitetura e Urbanismo | IAU USP | São Carlos, SP, Br | jessicaragonha@gmail.com.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9486-7208

SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins
Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo | IAU USP | São Carlos, SP, Br | lucianas@sc.usp.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7944-7782

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência no âmbito da Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré, situada no interior do estado de São Paulo, que utiliza a Paisagem como Método para a integração entre natureza e cidade. Trata-se do Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR, 2022 a 2025), no qual a leitura *da* e *com* a paisagem orientou a definição de ações para o território. Como desdobramento metodológico, foi desenvolvida uma dinâmica baseada em fichas e cartas, utilizada como ferramenta de mediação para a construção coletiva de estratégias e ações para a bacia hidrográfica. O artigo descreve a abordagem adotada, o papel da bacia como unidade de leitura da paisagem e o funcionamento da dinâmica como instrumento de articulação entre processos naturais e ocupação urbana, com foco às ações de drenagem sustentável e constituição de Sistemas de Espaços Livres (SEL). A experiência evidencia o potencial da paisagem no enfrentamento dos desafios socioambientais contemporâneos.

Palavras-chave: paisagem; bacia hidrográfica; natureza e cidade; drenagem sustentável.

ABSTRACT

This article presents an experience within the Tietê-Jacaré River Basin, located in the interior of the state of São Paulo, which adopts Landscape as a Method to foster integration between nature and the city. It focuses on the Sustainable Drainage and Urban River Revitalization Program (PDSRR, 2022–2025), in which reading the landscape – and reading with the landscape – guided the definition of actions for the territory. As a methodological development, a dynamic based on cards and sheets was created and used as a mediation tool for the collective construction of strategies and actions for the river basin. The article describes the adopted approach, the role of the basin as a unit for reading the landscape, and the functioning of the dynamic as an instrument for articulating natural processes and urban occupation, with an emphasis on sustainable drainage actions and the establishment of Systems of Open Spaces. The experience highlights the potential of landscape in addressing contemporary socio-environmental challenges.

Keywords: *landscape; watershed; nature and city; sustainable drainage.*

1 INTRODUÇÃO

As crises socioambientais contemporâneas têm se manifestado de forma particularmente intensa nos sistemas hídricos urbanos, evidenciando os limites de modelos de urbanização que historicamente dissociaram processos naturais e construção da cidade. Enchentes, alagamentos e degradação dos corpos d'água não são apenas consequências de falhas técnicas de drenagem, mas expressões de uma relação fragmentada entre natureza e cidade. Nesse contexto, a Paisagem apresenta-se como um campo capaz de articular sistemas naturais e ocupação urbana, oferecendo bases para uma abordagem integrada das questões hídricas nas ações de planejamento, projeto e políticas públicas.

A bacia hidrográfica constitui um recorte privilegiado para essa articulação quando compreendida não apenas como unidade técnica de planejamento, mas como expressão territorial da paisagem. Ao integrar relevo, hidrografia, solos, vegetação e formas de ocupação urbana, a bacia permite reconhecer a água como elemento estruturador das relações entre natureza e cidade. A leitura da bacia a partir da paisagem possibilita evidenciar conexões, conflitos e continuidades que atravessam diferentes escalas, deslocando a drenagem de uma lógica setorial para um campo mais amplo de compreensão e ação sobre o território.

No âmbito da drenagem urbana, abordagens de drenagem sustentável têm buscado superar soluções exclusivamente hídricas, incorporando princípios ecológicos e estratégias de adaptação aos processos naturais da água. Apesar dos avanços conceituais, sua aplicação no território urbano ainda enfrenta desafios relacionados à fragmentação das decisões, à dissociação entre infraestrutura e paisagem e à dificuldade de traduzir diretrizes em ações integradas. Essa dificuldade evidencia a persistência de uma visão que separa cidade e natureza – perspectiva criticada por Anne Whiston Spirn (1995), ao afirmar que a cidade é parte da natureza e que a água desempenha papel estruturador na configuração da forma urbana e na experiência cotidiana. Nesse sentido, torna-se necessário desenvolver instrumentos capazes de articular leitura da paisagem, planejamento e projeto, orientando intervenções que reconheçam a água como componente ativo da estrutura urbana e ambiental.

É nesse contexto que se insere a experiência apresentada neste artigo, desenvolvida no âmbito do Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR) para a Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré, situada no interior do estado de São Paulo. O Programa adota a bacia hidrográfica como recorte territorial e utiliza a paisagem como base para os processos de leitura e proposição de ações voltadas à integração entre natureza e cidade. Como desdobramento metodológico, foi concebida uma dinâmica que utiliza fichas e cartas, aplicada como ferramenta de mediação e aprendizado, na construção coletiva de estratégias e ações para a bacia hidrográfica.

A dinâmica foi pensada como meio de ativar leituras integradas da paisagem, estimulando a articulação entre processos naturais, ocupação urbana e possibilidades de intervenção. Ao operar como dispositivo de mediação, a dinâmica favorece a explicitação de conflitos, potencialidades e relações espaciais, contribuindo para a definição de ações alinhadas aos princípios da drenagem sustentável e da paisagem de modo mais amplo.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir essa experiência, destacando o papel da bacia hidrográfica como estrutura integradora, a contribuição do PDSRR como instrumento

de ação e o potencial da dinâmica como ferramenta de integração entre natureza e cidade frente aos desafios hídricos contemporâneos.

2 A PAISAGEM E A BACIA HIDROGRÁFICA COMO UNIDADE DE LEITURA DO TERRITÓRIO

A compreensão de paisagem adotada neste artigo fundamenta-se em uma perspectiva relacional, na qual ela é entendida como resultado dinâmico das interações entre processos naturais, práticas sociais e culturais. Nessa acepção, a paisagem constitui simultaneamente um meio de existência, de percepção e de ação, articulando e produzindo sentido a partir de dimensões materiais e simbólicas do território, que envolvem tanto formas físicas quanto valores, práticas, percepções e significados atribuídos aos espaços e às experiências que sobre ele ocorrem. Tal entendimento toma por base as contribuições de autores como Augustin Berque (2013) e Jean-Marc Besse (2014), para os quais a paisagem expressa uma relação indissociável entre sociedade e meio, e não um objeto externo ao sujeito.

Ao assumir a paisagem como relação, desloca-se o foco da análise de elementos isolados para os processos que estruturam o território. A paisagem passa a ser compreendida como campo de mediação e construção de vínculos entre natureza e cidade, no qual se inscrevem tanto os sistemas naturais quanto as formas de ocupação urbana e as práticas socioculturais. Essa abordagem é particularmente relevante no enfrentamento das questões hídricas contemporâneas, pois permite compreender os problemas associados à água não apenas do ponto de vista técnico, mas também como expressão de configurações territoriais e modos de apropriação do espaço.

Nesse contexto, a bacia hidrográfica afirma-se como recorte territorial coerente com essa concepção de paisagem. Enquanto unidade natural de organização do território, a bacia integra relevo, solos, hidrografia, cobertura vegetal e processos de transformação da paisagem em um sistema contínuo, estruturado a partir do comportamento da água, tornando legíveis as relações entre processos naturais e ações humanas ao longo do tempo.

Na paisagem urbana, a água atua como elemento estruturador, revelando tanto potencialidades quanto conflitos decorrentes da urbanização. A impermeabilização do solo, a canalização dos cursos d’água e a ocupação de áreas de várzea alteram os fluxos naturais, produzindo impactos que se manifestam em diferentes pontos da bacia. A leitura da bacia hidrográfica a partir da paisagem evidencia essas interdependências, demonstrando que fenômenos como alagamentos e enchentes não se restringem a locais pontuais, mas resultam de processos acumulados ao longo do tempo.

Sob a perspectiva da drenagem sustentável, essa leitura amplia o entendimento da drenagem para além de sua dimensão infraestrutural. Ao reconhecer a água como componente da paisagem, a drenagem passa a ser compreendida como parte de um conjunto articulado de processos territoriais, no qual soluções devem dialogar com o relevo, os espaços livres, a vegetação e os padrões de uso e ocupação do solo.

Além de integrar processos naturais, a bacia hidrográfica permite articular diferentes escalas de intervenção, evidenciando o caráter multiescalar da paisagem. Desde ações localizadas, como dispositivos de infiltração ou retenção, até estratégias de alcance regional, a bacia funciona como estrutura de conexão entre projetos pontuais e diretrizes mais amplas. Essa articulação é

fundamental para evitar decisões fragmentadas e para orientar ações coerentes com a lógica sistêmica da paisagem.

No contexto urbano brasileiro, essa perspectiva dialoga com a noção de Sistemas de Espaços Livres (SEL), entendidos como conjunto articulado de espaços não edificados que estruturam o território e desempenham funções ambientais, sociais e paisagísticas (MAGNOLI, 1982; QUEIROGA, 2012). Ao reconhecer os espaços livres como parte da estrutura territorial da bacia, amplia-se a compreensão das possibilidades de intervenção, articulando drenagem sustentável, conectividade ecológica e qualificação do espaço urbano. Essa abordagem também se aproxima de investigações recentes que tratam a paisagem e os sistemas de espaços livres como base operativa para a articulação entre processos hídricos-ambientais e forma urbana (RAGONHA, 2025).

Essa compreensão fundamenta a experiência apresentada neste artigo, na qual a bacia hidrográfica orienta tanto a leitura da paisagem quanto a definição de ações no âmbito do Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR). Ao assumir a paisagem como base conceitual e a bacia como recorte operativo, a experiência busca articular drenagem, paisagem e projeto urbano de forma integrada, estabelecendo as condições para a construção coletiva de estratégias para o território.

3 O PROGRAMA DE DRENAGEM SUSTENTÁVEL E REVITALIZAÇÃO DE RIOS URBANOS (PDSRR) PARA A BACIA HIDROGRÁFICA TIETÊ-JACARÉ

O Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR) para a Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré foi concebido com o objetivo de promover uma mudança cultural na relação entre água e cidade, diante do histórico conflito entre os processos de urbanização e as dinâmicas da paisagem. A área de atuação do Programa corresponde à Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos nº 13 (UGRHI 13), uma das unidades territoriais definidas pelo Estado de São Paulo para o planejamento e a gestão dos recursos hídricos, estruturadas a partir de bacias hidrográficas. Desenvolvido entre 2022 e 2025, o Programa estruturou-se como Edital de Demanda Induzida, tendo a Associação Instituto Cultural Janela Aberta como tomadora e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) como agente técnico. Seu desenvolvimento envolveu a atuação conjunta do Comitê de Bacia Hidrográfica, das Prefeituras dos municípios que compõem a bacia, de Universidades, escritórios de consultoria ambiental e de projetos voltados à drenagem sustentável e à renaturalização de rios.

A Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré, situada no interior do estado de São Paulo e composta por trinta e quatro municípios de pequeno e médio porte, apresenta um processo de urbanização majoritariamente consolidado a partir de modelos que, em grande medida, desconsideraram os aspectos hidrológicos, ecológicos e morfológicos da paisagem. Esse contexto resulta em recorrentes conflitos associados à água, como alagamentos, enchentes, erosões e degradação dos cursos d’água, ao mesmo tempo em que evidencia a fragilidade ou ausência de Áreas de Preservação Permanente (APPs) e de cobertura vegetal ao longo das margens e fundos de vale. Por outro lado, revela a existência de áreas potenciais para intervenção, sobretudo vinculadas aos espaços livres urbanos, que podem desempenhar papel estratégico na recomposição de processos ecológicos e hidrológicos, bem como na proposição de espaços com dimensões socioculturais.

O PDSRR teve início com uma etapa de leitura da bacia hidrográfica, baseada no levantamento e sistematização de dados técnicos, pesquisas acadêmicas e notícias, com o objetivo de identificar os cursos d'água mais críticos em cada município e suas respectivas microbacias. Essa etapa envolveu o cruzamento de cartografias temáticas – como uso e ocupação do solo, rede hidrográfica, relevo e áreas suscetíveis a alagamentos. Esse processo permitiu reconhecer tanto situações de conflito quanto oportunidades de ação, estratégia que considerou especialmente a presença de espaços livres, áreas públicas e trechos com potencial para requalificação da paisagem hídrica.

Os dados previamente levantados foram validados e complementados em visitas de campo, fundamentais para perceber dimensões da paisagem material e imaterial. Nessas visitas, a fotografia constituiu instrumento metodológico central, permitindo registrar o território na escala do pedestre e ao nível dos olhos, captando relações espaciais, usos e dinâmicas associadas à água que não se evidenciam na leitura cartográfica. As imagens foram posteriormente associadas à cartografia, estabelecendo um diálogo entre representação técnica e a experiência direta da paisagem.

Como desdobramento desse processo de investigação, foram selecionadas trinta e quatro microbacias, uma em cada município, para o desenvolvimento de sistemas de espaços livres associados a propostas de drenagem sustentável. Dentre essas, duas microbacias foram escolhidas para o aprofundamento por meio de projetos piloto, um voltado à drenagem sustentável e outro à renaturalização de curso d'água, elaborados por equipes especializadas e objetivando servir de modelo aos demais municípios. Essa estratégia permitiu articular diretrizes de caráter territorial com proposições projetuais em maior nível de detalhe.

Ao longo do Programa, a bacia hidrográfica foi compreendida sistemicamente, articulando características físicas – como relevo, hidrografia, solos e cobertura vegetal – aos padrões de urbanização, às infraestruturas e aos espaços livres existentes. Essa leitura orientou a formulação de ações capazes de dialogar com diferentes escalas, reconhecendo a água como elemento transversal à paisagem urbana.

No PDSRR, a paisagem é compreendida como estrutura integradora, da qual a drenagem sustentável participa como componente constitutivo. Em escala local, são consideradas estratégias que favorecem a infiltração, retenção e desaceleração das águas pluviais, associadas à qualificação ambiental e ao desenho dos espaços livres que pretendem promover o encontro, o lazer, a saúde e a vida em geral. Em escala regional, o Programa estabelece diretrizes que relacionam essas intervenções pontuais ao funcionamento sistêmico da bacia, reconhecendo que sua efetividade depende da coerência entre o sistema de espaços livres e a paisagem.

Um aspecto central do PDSRR é a definição de ações a partir da articulação entre leitura da paisagem e proposição. Em vez de soluções padronizadas, o Programa estrutura um conjunto de ações possíveis, associadas às diferentes condições identificadas nas microbacias, considerando simultaneamente aspectos hídricos, ecológicos e urbanos. Esse processo foi pactuado com o Comitê de Bacia Hidrográfica e com técnicos e gestores municipais, garantindo aderência institucional e viabilidade de implementação.

Além de seu caráter técnico-operativo, o PDSRR incorporou etapas de formação voltadas principalmente a técnicos e gestores municipais, contribuindo para a difusão dos princípios da drenagem sustentável e para a mudança cultural pretendida. Nesse contexto, o Programa também deu origem a dispositivos metodológicos de apoio à definição de ações, concebidos

como instrumentos de mediação entre leitura e proposição, e aplicados no âmbito das microbacias estudadas, conforme apresentado na seção seguinte.

4 DINÂMICA PARA LEITURA E DEFINIÇÃO DE AÇÕES NA BACIA HIDROGRÁFICA

A definição de ações para um conjunto amplo de microbacias, em escala de bacia hidrográfica, demanda a articulação de múltiplas dimensões da paisagem, envolvendo processos naturais, infraestrutura urbana, usos do solo e práticas socioculturais. No âmbito do PDSRR, essa complexidade se colocou de forma concreta diante do estabelecimento de ações para trinta e quatro microbacias distintas, respeitando suas especificidades territoriais e, ao mesmo tempo, mantendo coerência com as diretrizes gerais do Programa. Esse desafio evidenciou a necessidade de elaborar um método capaz de articular leitura e proposição de forma sistemática e compartilhada.

Nesse contexto, foi desenvolvida uma dinâmica de leitura e definição de ações, concebida como *ferramenta metodológica de mediação* no processo do PDSRR. Inicialmente pensada como um jogo, a proposta foi sendo reformulada ao longo de seu desenvolvimento, à medida que se reconhecia a complexidade das relações envolvidas na leitura da paisagem e na definição de ações para a bacia. O dispositivo passou, então, a se configurar como uma dinâmica estruturada, voltada à articulação entre informações previamente levantadas, diretrizes do Programa e processos coletivos de decisão.

A dinâmica *baseia-se na combinação de fichas de leitura do território e de cartas temáticas*. As fichas (figura 1) sintetizam informações centrais de cada microbacia, retomando dados relativos às características físicas, aos cursos d’água, aos padrões de ocupação urbana, aos conflitos associados à água e às áreas com potencial para intervenção. Esse material funciona como base de leitura, ancorando a dinâmica nas especificidades de cada contexto territorial.

Figura 1: Fichas de leitura do território, utilizadas na dinâmica do PDSRR.



Fonte: PDSRR, 2025.

As cartas, por sua vez, foram organizadas em conjuntos que representam aspectos fundamentais para a definição de ações, incluindo as principais questões identificadas nas microbacias (cartas de pontos de atenção), os objetivos a serem alcançados (figura 2) e os tipos de intervenções possíveis (figura 3). Entre estas, destacam-se ações relacionadas à qualificação e estruturação dos sistemas de espaços livres, às técnicas de drenagem sustentável e às estratégias de renaturalização de cursos d'água, bem como políticas públicas que visam trazer efetividade às ações propostas. Ao incorporar explicitamente a lógica dos Sistemas de Espaços Livres, a dinâmica passa a operar não apenas na escala pontual da intervenção, mas *na construção de redes territoriais conectadas, capazes de articular funções ecológicas, hídricas e socioculturais*.

Figura 2: Exemplo de carta de ponto de atenção e de carta de objetivo, aplicadas na dinâmica do PDSRR.



Fonte: PDSRR, 2025.

Figura 3: Exemplo de cartas de ações (técnicas de drenagem sustentável, técnicas de renaturalização de rios, espaços livres e políticas públicas), aplicadas na dinâmica do PDSRR.



Fonte: PDSRR, 2025.

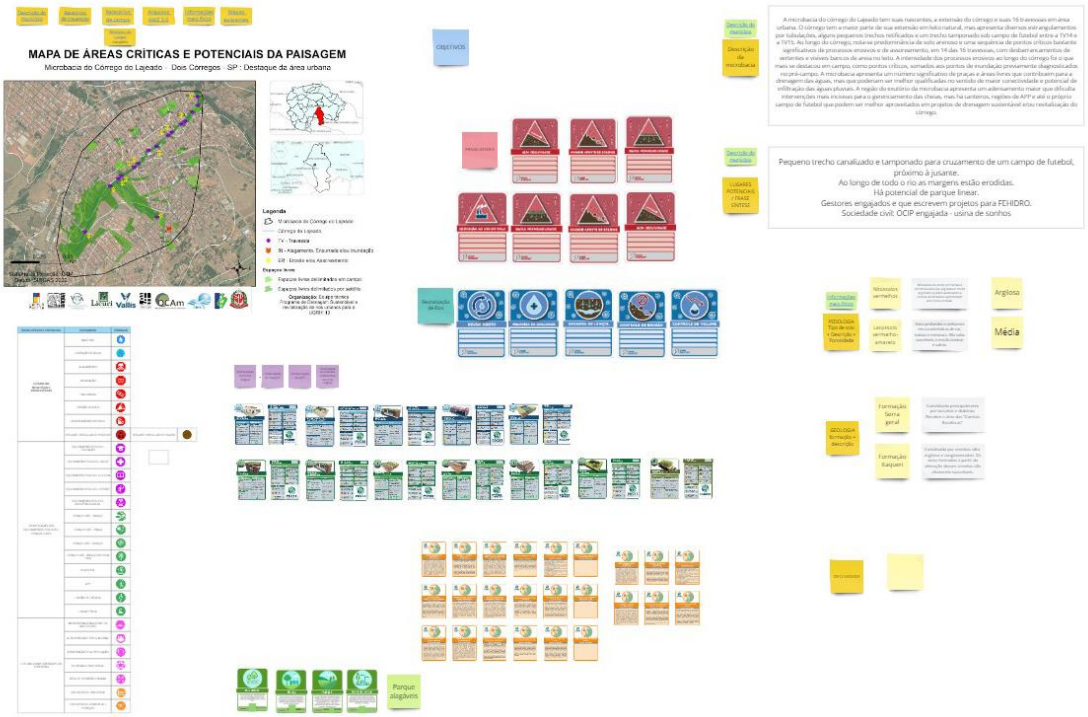
A aplicação da dinâmica ocorre a partir da disposição das fichas e cartas sobre a cartografia da microbacia, estimulando a articulação entre informações territoriais, objetivos e ações. A

cartografia funciona como suporte estruturador do processo decisório, permitindo visualizar relações espaciais, continuidades, descontinuidades e conexões potenciais entre espaços livres, cursos d'água e áreas urbanizadas.

Esse processo favorece a construção de leituras integradas da paisagem, permitindo reconhecer conflitos, potencialidades e interdependências espaciais, bem como discutir a adequação das ações propostas em relação às características específicas de cada microbacia e ao funcionamento sistêmico da bacia hidrográfica.

No âmbito do PDSRR, a dinâmica foi aplicada predominantemente de forma remota, utilizando a plataforma Miro, na qual fichas, cartas e cartografias foram organizadas de maneira colaborativa (figura 4). Essa estratégia possibilitou a participação de diferentes atores e equipes, viabilizando o trabalho coletivo. Paralelamente, a dinâmica também foi aplicada em encontros presenciais pontuais, tanto em reuniões de equipe quanto em atividades acadêmicas e eventos, utilizando material impresso e cartografia física (figura 5). Nessas ocasiões, a associação entre cartografia e registros fotográficos realizados em campo permitiu reativar a experiência direta da paisagem, articulando a visão sinótica do mapa com a percepção situada do território.

Figura 4: Aplicação da dinâmica pela plataforma Miro.



Fonte: PDSRR, 2022.

Figura 5: Aplicação da dinâmica utilizando material impresso.



Fonte: PDSRR, 2022.

Ao estruturar um método para a definição de ações nas trinta e quatro microbacias, a dinâmica desempenhou papel fundamental no PDSRR, operando como instância intermediária de potencial pedagógico, instalada entre a leitura da paisagem e a proposição de ações. Mais do que um instrumento técnico, ela se configurou como espaço de mediação, aprendizado e síntese, no qual diferentes saberes e perspectivas puderam ser articulados a partir da paisagem. Nesse sentido, constituiu-se também como dispositivo formativo, especialmente voltado a técnicos e gestores municipais, ao promover a discussão de conceitos e sua aplicação prática. Dessa forma, a dinâmica reafirma o papel da Arquitetura da Paisagem como campo capaz de integrar análise, mediação e projeto, contribuindo também para a formação e para a mudança cultural pretendida, e para a construção coletiva de estratégias de drenagem sustentável e revitalização de rios urbanos na escala da bacia hidrográfica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do PDSRR articulada à dinâmica de leitura e definição de ações possibilitou explicitar relações sistêmicas da bacia hidrográfica que, em abordagens convencionais de drenagem, tendem a permanecer fragmentadas. A partir da utilização das fichas, cartas e cartografia, as ações passaram a ser formuladas considerando simultaneamente os processos naturais, as condições de uso e ocupação urbana e as diretrizes da paisagem, evidenciando a bacia hidrográfica como estrutura organizadora das decisões.

Entre os principais resultados observados, destaca-se a ampliação e diversificação do repertório dos participantes e das ações propostas e associadas à drenagem sustentável. As proposições elaboradas não se restringiram a técnicas de infraestrutura verde ou a soluções baseadas na

natureza aplicadas de forma isolada, mas foram organizadas no território a partir da perspectiva de constituição de Sistemas de Espaços Livres. Esse entendimento aproxima-se da concepção de espaço livre como estrutura territorial articuladora da urbanização (MAGNOLI, 1982; CAMPOS et al., 2011), orientando tanto a qualificação de espaços livres existentes quanto a incorporação de novos espaços, configurando uma rede capaz de favorecer a conectividade ecológica, o manejo das águas pluviais e as trocas sociais e culturais no ambiente urbano.

Outro resultado relevante refere-se à explicitação das interdependências entre diferentes trechos da bacia hidrográfica. Ao relacionar ações à cartografia e às condições específicas de cada microbacia, tornou-se evidente que intervenções em determinados pontos produzem efeitos que extrapolam seus limites. Essa percepção reforçou a necessidade de decisões coordenadas em escala territorial, alinhadas ao funcionamento sistêmico da bacia e aos princípios da drenagem sustentável, evitando soluções pontuais desconectadas da lógica da paisagem.

A dinâmica também evidenciou a importância da leitura do território para além da análise cartográfica, reforçando o papel da ida a campo e da experiência do corpo no espaço, a escala do pedestre. Durante o processo de definição das ações, grande parte das discussões foi orientada por observações realizadas *in loco,* pelas memórias da equipe e pelo contato direto com os fenômenos associados à água e à paisagem. O uso de registros fotográficos, associados a pontos específicos da cartografia, contribuiu para articular a visão de sobrevoo com a vivência do território, enriquecendo a leitura da paisagem e qualificando as decisões propostas**,** em consonância com abordagens que reconhecem a experiência direta do lugar como componente essencial da compreensão paisagística (DARDEL, [1952] 2011; SPIRN, 1984; CARERI, 2013).

Do ponto de vista metodológico, a dinâmica demonstrou potencial como ferramenta de mediação no campo da Arquitetura da Paisagem, ao estruturar um processo no qual leitura e proposição ocorrem de forma articulada. Ao exigir que as ações fossem justificadas a partir das características da paisagem e do funcionamento da bacia hidrográfica, o método favoreceu processos reflexivos e argumentativos, tornando explícitos os critérios envolvidos nas escolhas e deslocando o debate da drenagem de uma abordagem exclusivamente técnica para uma perspectiva territorial, sociocultural e paisagística.

A experiência também evidenciou limites e desafios. O tempo reduzido de desenvolvimento do Programa e o número limitado de profissionais envolvidos, diante da abrangência territorial e da quantidade de municípios atendidos, impossibilitaram um nível maior de detalhamento das propostas, bem como a ampliação do processo participativo. Não foi possível envolver diretamente a população nem estabelecer uma aproximação mais frequente com técnicos e gestores municipais, que detêm conhecimento cotidiano e vivencial do território. Esses limites indicam a necessidade de desdobramentos futuros, nos quais a dinâmica possa ser aprofundada e articulada a processos participativos e institucionais mais amplos.

Ainda assim, os resultados alcançados indicam que a articulação entre bacia hidrográfica, drenagem sustentável e leitura da paisagem contribui para qualificar a definição de ações no território. Ao reposicionar a água como elemento estruturador da paisagem urbana e ao integrar diferentes escalas, espaços e processos, a experiência apresentada reafirma o potencial da Arquitetura da Paisagem em enfrentar os desafios climáticos e socioambientais contemporâneos, oferecendo caminhos para a integração entre natureza e cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma experiência aplicada no campo da Arquitetura da Paisagem que adota a bacia hidrográfica como base para a integração entre natureza e cidade, articulando drenagem sustentável, leitura da paisagem e definição de ações em escala territorial. A partir da elaboração e aplicação do Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR), buscou-se evidenciar o potencial da paisagem como estrutura organizadora dos processos hídricos e urbanos, orientando intervenções capazes de dialogar com diferentes escalas e contextos.

Como desdobramento metodológico da experiência, foi desenvolvida uma dinâmica de leitura e definição de ações, concebida como ferramenta de mediação entre análise e proposição no âmbito da bacia hidrográfica. Ao apoiar-se nas diretrizes do PDSRR e nas especificidades de cada microbacia, a dinâmica possibilitou a construção coletiva de estratégias, tornando explícitas as relações entre processos naturais, ocupação urbana e ações de intervenção, e qualificando a definição de decisões a partir da paisagem.

Os resultados indicam que a articulação entre bacia hidrográfica, drenagem sustentável e processos de mediação contribui para ampliar o campo de atuação da Arquitetura da Paisagem frente aos desafios hídricos, climáticos e socioambientais contemporâneos. Ao deslocar a drenagem de uma abordagem predominantemente técnica para uma perspectiva sistêmica e territorial**,** reconhecendo os Sistemas de Espaços Livres como estrutura estratégica para a organização das intervenções, a experiência reforça o papel da paisagem como base operativa para o planejamento e o projeto urbano, integrando funções hídricas, ecológicas e sociais.

Por fim, a experiência discutida aponta caminhos para o desenvolvimento de metodologias capazes de articular leitura e intervenção na paisagem. Ao reconhecer a água como elemento estruturador da paisagem urbana e ao adotar a bacia hidrográfica como unidade de referência, o artigo contribui para o debate sobre práticas que buscam enfrentar os desafios contemporâneos por meio da integração entre natureza e cidade, mediada pelo campo da Arquitetura da Paisagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda a equipe envolvida na elaboração e desenvolvimento do Programa de Drenagem Sustentável e Revitalização de Rios Urbanos (PDSRR), fundamental para a construção da experiência apresentada neste artigo. Agradecemos, em especial, a Gabriela Rahal, Maria Fernanda Nóbrega e Renata Bovo Peres, pelas contribuições técnicas, conceituais e pelo diálogo constante ao longo do processo, que enriqueceram de forma decisiva os resultados alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUE, Augustin. **Thinking through Landscape**. Translated by Anne-Marie Feenberg-Dibon. Routledge: London, 2013.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CAMPOS, Ana Cecília de Arruda et al. (Org.). **Sistemas de espaços livres**: conceitos, conflitos e paisagens. São Paulo: FAUUSP, 2011, p. 11–20.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

DARDEL, Eric (1952). **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. **Espaços livres e urbanização**: uma introdução à paisagem urbana. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. 2012. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RAGONHA, Jéssica. **Planejar com a Paisagem**: contribuições metodológicas de McHarg, Lynch e Spirn para a integração entre natureza e cidade. 2025. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2025.

SPIRN, Anne Whiston (1984). **O jardim de granito**: A natureza no desenho da cidade. Tradução: Paulo Renato Mesquita Pellegrino. São Paulo: Edusp, 1995.